



o essencial sobre  
**CAMILO PESSANHA**



CAMILO PESSANHA  
140 ANOS

*À memória de L. Danilo Barreiros*

Na abertura do volume dedicado a Wenceslau de Moraes nesta colecção, Ana Paula Laborinho advertia que a sua biografia, «como, aliás, a de seu amigo Camilo Pessanha, parecem artificiosas construções que têm desafiado a especulação interpretativa. Os mistérios da vida, como a singularidade da obra, bem impregnados dos condimentos da viagem para Oriente, provocam uma desfocagem que transporta o leitor para além dos exauridos limites da sua realidade.» Entretanto, comparada à de Pessanha, a biografia de Moraes delinea-se com muito mais clareza. Não só porque ele foi um prolífico escritor de cartas, mas também porque as fantasias que envolveram a sua vida ficaram restritas aos episódios amorosos no Oriente e aos motivos que o teriam levado a nunca mais retornar a Portugal. Já no caso de Pessanha, as cartas são poucas, os testemunhos de terceiros são confusos e pouco confiáveis, em função das suas muitas inimizades em Macau, e o campo aberto à imaginação pelo consumo do ópio e pela concubi-

nagem pública com duas mulheres chinesas revelou-se terreno para todo o tipo de efabulações, algumas das quais tiveram importância na recepção, interpretação e divulgação da sua poesia.

Um texto que busque trazer ao leitor o essencial sobre a vida e a obra de Pessanha não pode fugir, portanto, à apresentação e ao desmonte da biografia corrente. Tão grande é a sua força persuasiva e tão infiltradas nos melhores textos estão as efabulações mais inconsistentes, que uma biografia que se ativesse apenas aos factos ficaria desde logo desmoralizada, se não mostrasse que aquilo que ela omite deve mesmo ser omitido, pois só vale como testemunho da força e persistência do imaginário decadentista ao longo do século xx. Por isso, a busca do conhecimento seguro sobre a vida do autor não tem como não referir e analisar as fantasias biográficas, o que dará à primeira metade deste livro um tom mais próximo da narrativa de um romance policial do que de uma biografia comum.

# 1

## EM PORTUGAL

Camilo Pessanha nasceu em Coimbra, em 7 de Setembro de 1867. Seu pai era um estudante de Direito, chamado Francisco de Almeida Pessanha; sua mãe, a governanta da casa do estudante, Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira.

Pouco se sabe da infância e da adolescência de Camilo Pessanha. Foi registado como filho de pai incógnito, viveu um tempo com o pai e a mãe nos Açores, onde aquele exerceu a advocacia, e depois em Lamego. Sabe-se ainda que, em Outubro de 1884, no ano de sua admissão na Universidade de Coimbra, foi perfilhado pelo pai. E que em Coimbra permanecerá até se formar, em Junho de 1891.

Camilo, que foi o primogénito de Francisco Pessanha, teve quatro irmãos. Por ordem de nascimento: uma irmã, chamada Madalena, que faleceu com 5 anos de idade, em 1875; um irmão, chamado Fran-

cisco, nascido em 1872 e falecido em 1918; uma segunda irmã, nascida em 1875, de nome Madalena da Purificação; e um segundo irmão, Manuel Luís, que nasceu em 1878<sup>1</sup>. Uma terceira irmã do poeta — provavelmente meio-irmã por parte de pai —, chamada Madalena da Paixão, nasceu em 1887 e ainda vivia em 1967<sup>2</sup>.

A sua vida de estudante não parece ter sido fácil. Cumpriu o curso em sete anos, morando até 1888 com a mãe e os irmãos, pois o pai transferira-se para Vila Pouca de Aguiar, de onde enviava recursos ao que tudo indica insuficientes para a sobrevivência da família.

Os estudos de Camilo foram interrompidos após reprovação no 4.º ano, que frequentara em 1887-1888, por motivos não de todo claros. Segundo depoimento de Alberto Osório de Castro, o poeta viveu nessa época uma crise nervosa, que impossibilitou a continuidade dos estudos. De acordo com os documentos disponíveis, a reprovação e a subsequente interrupção parecem dever-se também ou principalmente à dificuldade financeira e à necessidade de conseguir recursos para ajudar a família.

No final de 1888, a sua mãe e os seus irmãos mudam-se de Coimbra, para junto do pai, que se

transfere para Marco de Canaveses e, logo a seguir, para Monção. Camilo passa então a viver em casa de um amigo do pai. Poucas informações restaram desse período, excepto que, em 1890, se deu a sua mais significativa participação na vida literária de Coimbra: um artigo sobre o livro do poeta António Fogaça, a que reprova a ausência de plano compositivo e a facilidade da estruturação do volume em duas partes, agrupando de um lado os poemas de forma livre e de outro os sonetos.

Entre a formatura, em Junho de 1891, e meados de 1893, as suas poucas cartas mostram que Camilo Pessanha vive em grande aflição por conseguir trabalho: exerce por pouco tempo a função de subdelegado do procurador régio em Mirandela (experiência abreviada, ao que parece, por conta de o poeta não se submeter ao que julgava práticas corruptas da magistratura local), advoga em Óbidos, presta concursos, tenta conseguir um lugar de professor e de escrivão do Notariado Apostólico. As dificuldades em conseguir uma posição em Portugal levam-no a voltar-se para o ultramar: no ano de 1891, busca conseguir que lhe seja dado um cargo em Timor e, ao longo do seguinte, regista em cartas o desejo (e as tenta-

tivas) de conseguir um cargo em Angola ou de exercer a advocacia em Damão.

Em Agosto de 1893, surge finalmente uma oportunidade que independe de indicações políticas ou de relações familiares: abre-se concurso para seleccionar professores para o recém-criado Liceu de Macau. Aprovado, é-lhe atribuída em Dezembro a cadeira de Filosofia Elementar. Em 19 de Fevereiro de 1894, embarca para a China, onde se radicará até à morte.

A sua transferência para a China não se deveu, portanto, ao contrário do que diz a lenda biográfica corrente, a qualquer impulso sentimental, na esteira de um amor contrariado. Muito ao contrário de uma decisão emocional, a mudança para a China foi a alternativa possível após anos de esforço para obter um posto de trabalho em Portugal e várias hipóteses e tentativas de emigração.



## 2

### A CHINA

Durante o tempo que viveu em Portugal, antes de se transferir para a China, Camilo Pessanha manteve-se praticamente desconhecido dos contemporâneos. Quando em Coimbra, não integrou activamente nenhum dos grupos que disputavam o estabelecimento dos rumos da literatura no final do século: não participou nem na *Boémia Nova*, nem n'*Os Insubmissos*, e pouco escreveu nos jornais.

Já os cinco primeiros anos após a emigração — ou seja, os cinco primeiros que viveu na China ou entre a China e Portugal — serão, do ponto de vista da escrita de poesia, os mais produtivos da sua vida, pois da meia centena de poemas de sua autoria hoje conhecidos, vinte foram escritos em Macau, entre 1895 e 1899; e foram ainda compostos nessa localidade, nos anos seguintes, outros seis<sup>3</sup>.

O poeta permaneceu na China até 1896, quando regressou de licença a Portugal. A facilidade e a conveniência das licenças médicas, conforme se lê numa carta sua a Alberto Osório de Castro, eram um dos atractivos da vida nas colónias. No uso dessas licenças, Camilo Pessanha passou em Portugal o período de Agosto de 1896 a Fevereiro de 1897, Outubro de 1899 a Abril de 1900, Setembro de 1905 a Janeiro de 1909 e, finalmente, Novembro de 1915 a Março de 1916. Durante esses períodos, Camilo conviveu com intelectuais destacados e firmou a sua imagem de poeta singular, a ponto de, na década de 1910, ser já bastante conhecido, apesar de ter publicado muito pouco em letra de forma. É o que nos confirma este trecho da famosa carta que Fernando Pessoa enviou ao poeta, pedindo poemas para publicar no n.º 3 de *Orpheu*:

Há anos que os poemas de V. Ex.<sup>a</sup> são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda Lisboa. É para lamentar — e todos lamentam — que eles não estejam, pelo menos em parte, publicados. Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, nas laudas ocultas dos seus cadernos, esta abstinência da publicidade seria, da parte de V. Ex.<sup>a</sup>,

lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda. [...] é porque muito admiro esses poemas, e porque muito lamento o seu carácter de inéditos (quando, aliás, correm, estropiados, de boca em boca nos cafés), que ousou endereçar a V. Ex.<sup>a</sup> esta carta, com o pedido que contém.<sup>4</sup>

No ambiente português ainda esmaçado de *décadence*, o vulto de Pessanha era confuso e atraente. Tratava-se de uma figura misteriosa, um exilado voluntário no Extremo Oriente, supostamente em razão de obscuras desgraças pessoais ou familiares; um génio sem obra publicada que, desdenhoso da glória, comporia versos magistrais apenas para si mesmo ou para poucos eleitos.

Mesmo para os contemporâneos de Macau, a sua imagem era complexa e contraditória: alguns descreviam-no como jurista brilhante, professor excepcional, patriota apaixonado e orador imbatível; outros, como um desregrado, incapaz de resistir à concupiscência oriental, por de mais achinesado para poder manter-se dignamente como funcionário colonial ou professor.

## ÍNDICE

1 — Em Portugal .....	7
2 — A China .....	11
3 — O mito do poeta sem escrita .....	39
4 — O verso e a prosa ficcional .....	51
5 — Pessanha tradutor .....	76
6 — A fortuna crítica .....	84
Notas .....	87
<i>Bibliografia referida e recomendada .....</i>	<i>103</i>